

Uso e comercialização de plantas medicinais em Humaitá, Amazonas

Use and marketing of medicinal plants in Humaitá, Amazonas

GOMES,N,S¹; LIMA,J,P,S²

¹Universidade Federal do Amazonas - Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente, rnilzasilvagomes21@hotmail.com;

²Universidade Federal do Amazonas - Faculdade de Ciências Agrárias, paolucci@ufam.edu.br

RESUMO: A fitoterapia é uma opção no tratamento de doenças, por ser financeiramente acessível e por ser alternativa natural frente à medicina alopática. Por este motivo, em muitas cidades, o comércio e uso de plantas medicinais, aromáticas e condimentares é muito intenso. Os comerciantes representam importantes pontos de informações sobre a utilização da flora nativa e exótica da região de Humaitá. Este estudo teve como objetivo levantar informações referentes ao uso medicinal de plantas no Município de Humaitá (AM), avaliando o consenso quanto às propriedades terapêuticas atribuídas pelos vendedores. Foram realizadas entrevistas com perguntas abertas e semiestruturadas com doze comerciantes. Foi determinada a importância relativa de cada espécie. Foram citadas 84 espécies de plantas nativas e exóticas, totalizando 334 indicações terapêuticas pelos entrevistados, apresentando destaque a indicação para os transtornos do sistema digestivo. As espécies com destaque na comercialização foram o *Sambucus nigra* L. (sabugueiro), *Lavandula officinalis* Chaix & Kitt (Alfazema) e *Copaifera* sp. (Copaiba), com índices de importância relativa maiores que 1. As espécies *Ginkgo biloba* L. (Ginkgo biloba), *Petiveria alliacea* L. (Guiné, mucura – caá), *Olea europaea* L., (Oliveira) e *Himatanthus sucuuba* (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson (Súcuba) apresentaram consenso completo entre os informantes.

PALAVRAS-CHAVE: Biodiversidade, Etnobotânica, Fitoterapia.

ABSTRACT: Herbal medicine is an option in treating diseases, for being affordable and natural alternative front the allopathic medicines. For this reason, it is observed that the trade and use of medicinal plants, aromatic and culinary is very intense in many cities. Storekeepers are important points of acquiring information on the use of native and exotic flora of the region Humaitá. This study aimed to gather information regarding the medicinal use of plants in the municipality of Humaitá (AM), evaluating the consensus on the therapeutic properties attributed by the sellers. Interviews were conducted with open and semi-structured questions with twelve storekeepers. It was measured the relative importance of each specie. They were cited 84 species of native and exotic plants, totaling 334 therapeutic indications by respondents, with emphasis indication for disorders of the digestive system. The species with emphasis in marketing were the *Sambucus nigra* L. (elderberry), *Lavandula officinalis* Chaix & Kitt (Lavender) and *Copaifera* sp. (Copaiba), with rates of relative importance greater than 1. The species *Ginkgo biloba* L. (Ginkgo biloba), *Petiveria alliacea* L. (Guinea, opossum - caá), *Olea europaea* L. (Olive) and *Himatanthus sucuuba* (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson (Sucuba) had complete consensus among informants.

KEYWORDS: Biodiversity, Ethnobotany, Herbal medicine.

Introdução

Muitas sociedades tradicionais e autóctones possuem vasta farmacopéia natural, em boa parte proveniente dos recursos vegetais encontrados nos ambientes naturais ocupados por estas populações, ou cultivados em ambientes antropicamente alterados. Durante milênios o homem empiricamente aprofundou seus conhecimentos a fim de buscar a melhoria nas condições de alimentação e cura de suas enfermidades, demonstrando uma estreita inter-relação entre o uso das plantas e sua evolução (AMOROZO, 2002; ALMEIDA, 2011).

Para investigar tais conhecimentos adquiridos, bem como a relação do homem com as plantas, surge a etnobotânica. Os estudos etnobotânicos são importantes especialmente na Amazônia, sendo o maior bioma brasileiro em extensão, abrangendo nove Estados de três regiões e ocupando uma área de 49,29% do território nacional. Considerando a biodiversidade vegetal, a Floresta Amazônica é detentora da maior reserva de plantas medicinais do mundo (AGRIANUAL, 2002; IBGE, 2004).

A etnobotânica surge como campo interdisciplinar que comprehende o estudo e a interpretação do conhecimento, significação cultural, manejo e usos tradicionais dos elementos da flora. Esta exige a articulação entre o natural e o social, utilizando como metodologia a investigação das nomenclaturas designadas pelas populações tradicionais para os elementos e fenômenos naturais, assim como os valores culturais que transportam (CABALLERO, 1979; PEREIRA e DIEGUES, 2010).

No Brasil, o artigo 2º, da Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015, refere-se ao termo comunidade tradicional como grupo culturalmente diferenciado que se reconhece como tal, possui forma própria de organização social e ocupa e usa territórios e recursos naturais como condição para a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição (BRASIL, 2015).

A associação das características das populações tradicionais, principalmente no que se refere à utilização dos recursos naturais e ao processo oral de transmissão, são partes constituintes do conhecimento destas populações, que, segundo Diegues e Arruda (2001), é composto pelo “conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração”. Parte-se, então, do princípio de que o conhecimento tradicional se desenvolveu no seio da comunidade e

permanece influenciando as suas condições de vida ambientais, econômicas e sociais. Isto se deve ao fato de cada cultura ou civilização construir uma imagem própria de sua natureza e perceber de maneira distinta os bens e riquezas confinadas a ela, adotando assim, uma estratégia particular de uso dos recursos naturais (TOLEDO et al., 1995).

Os estudos sobre o conhecimento e uso dos recursos naturais pelas populações locais, bem como os impactos de suas práticas sobre a biodiversidade são fundamentais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 80% da população mundial dependem da medicina tradicional para suas necessidades básicas de saúde, e que quase 85% da medicina tradicional envolve o uso de plantas medicinais, seus extratos vegetais e seus princípios ativos. As observações populares sobre o uso e a eficácia de plantas medicinais contribuem de forma relevante para a divulgação das virtudes terapêuticas dos vegetais e auxilia os pesquisadores na seleção de espécies para estudos botânicos, farmacológicos e fitoquímicos (ALBUQUERQUE e ANDRADE, 2002; MACIEL et al. 2002; WHO, 2007).

O comércio popular de plantas medicinais ocorre predominantemente em feiras livres, espaços públicos voltados à atividade mercantil cíclica. As feiras livres são eventos, socialmente, acordados que contribuem de forma positiva para o intercâmbio cultural e para o fluxo de capitais entre as comunidades da região na qual se situam. Tais espaços exercem um relevante papel na integração entre comunidades distintas. Essas são um manancial, praticamente inexplorado, de investigações etnobotânicas que podem fornecer informações da maior importância para o conhecimento da diversidade, manejo e universo cultural de populações marginalizadas (MAIOLI-AZEVEDO e FONSECA-KRUEL, 2007; ROCHA et al., 2010).

Neste sentido, as feiras livres e os mercados regionais constituem um espaço privilegiado de expressão da cultura de um povo, trazendo à tona os aspectos e a relevância de seu vasto patrimônio etnobotânico. Uma vez que um grande número de informações encontra-se disponível, de forma centralizada, subjacente a um ambiente de trocas culturais intensas, este espaço pode fornecer informações da maior importância para o conhecimento da diversidade e manejo das plantas medicinais da população rural e urbana (BRASIL, 1998; ROCHA et al., 2010; ALMEIDA e PENA, 2011). O desenvolvimento destes estudos contribui para o resgate e valorização do conhecimento popular sobre o uso das plantas

medicinais e sua comercialização.

O presente estudo teve como objetivos inventariar plantas com usos terapêuticos comercializadas em feiras e casas de produtos naturais do Município de Humaitá (AM), e de identificar as propriedades terapêuticas atribuídas pelos comerciantes, além de caracterizar o perfil socioeconômico dos comerciantes.

Material e Métodos

Área de estudo - a cidade de Humaitá está situada ao sul do Estado do Amazonas, localiza-se à margem esquerda do rio Madeira, afluente da margem direita do Rio Amazonas; dista cerca de 200 km da cidade de Porto Velho (RO) e 675 km da cidade de Manaus (AM), pela Rodovia BR-319, sob as coordenadas geográficas de 07°30'22"S e 63°01'15"W. Sua população é de 51.302 (EMBRAPA, 1997; IBGE, 2015). O clima da região, segundo a classificação de Köppen, é do tipo tropical chuvoso, apresentando um período seco de pequena duração (Am), com período chuvoso iniciando em outubro e prolongando-se até junho e umidade relativa do ar entre 85 e 90%. As temperaturas oscilando entre 25 e 27°C e precipitação média anual de 2.500 mm (BRASIL, 1978).

A vegetação é constituída por árvores adensadas e multiestratificadas entre 20 e 30 m de altura. Caracteriza-se de forma generalizada pela presença de dois ambientes distintos: as várzeas, que margeiam os rios de águas barrentas, abundantes em material suspenso, sujeitas à inundação sazonal; e as áreas de terra firme, que são ambientes mais estáveis e que não recebem influência contemporânea das enchentes do rio (RODRIGUES e OLIVEIRA, 1997).

O relevo da região é variado, estando uma parte inserida na província geomorfológica de acumulação da Planície Fluvial, que é constituída por uma área aplainada resultante de acumulação fluvial, periódica ou permanentemente alagada, e a outra parte localizada em formas dissecadas de interflúvios tabulares, com relevos de topo aplainado, separados geralmente por vales em "V" e, ou, localmente, por vales de fundo plano (BRASIL, 1978). De acordo com Campos et al (2010) os solos da região são classificados como Latossolos, Argissolos, Cambissolos e Gleissolos.

Coleta e análise de dados - foram realizadas entrevistas estruturadas e semi – estruturadas em feiras e casas de produtos naturais. A amostragem foi não aleatória intencional, na qual definiu – se previamente doze comerciantes de plantas medicinais que trabalham no

setor a mais de um ano, totalizando os comerciantes com pontos de venda fixos na cidade.

O levantamento de dados ocorreu de agosto de 2014 a janeiro de 2015, consistindo na obtenção de informações sobre aspectos socioeconômicos dos entrevistados e uso das espécies medicinais comercializadas (Nº CAAE - 30931414.4.0000.5020). A entrevista aplicada considerou os aspectos levantados por Millat-e-Mustafa (1998) e constou de questões sobre dados das espécies comercializadas como nome comum, forma de obtenção do produto, indicação de usos, partes da planta e formas de preparo do fitoterápico.

A identificação das espécies foi realizada por comparação das fotografias tiradas in situ, com consulta à literatura especializada. Os nomes científicos das espécies com os respectivos autores foram confirmadas e atualizadas nos endereços eletrônicos do Missouri Botanical Garden (www.tropicos.org) e da Lista de espécies Flora do Brasil (floradobrasil.jbrj.gov.br).

Para cada espécie de planta citada foi calculada a importância relativa, com base na proposta de Bennett e Prance (2000). O cálculo da importância relativa (IR), sendo 2 o valor máximo obtido por uma espécie, foi realizado de acordo com a fórmula: $IR = NSC + NP$, onde NSC = número de sistemas corporais tratados por uma determinada espécie (NSCE) dividido pelo número total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil (NSCEV); NP = número de propriedades atribuídas a uma determinada espécie (NPE) dividido pelo número total de propriedades atribuídas à espécie mais versátil (NPEV).

Além disso, para identificar os sistemas corporais (categorias de doenças, modificadas a partir da classificação da OMS) que apresentaram maior importância nas entrevistas, foi utilizada a técnica adaptada de Trotter e Logan (1986). Essa técnica é baseada no “consenso dos informantes”, na qual se evidenciam grupos de plantas merecedores de estudos mais aprofundados: $FCI = nar - na/nar - 1$, onde FCI = fator de consenso dos informantes; nar = somatório de usos registrados por cada informante para uma categoria; e na = número de espécies indicadas na categoria.

O valor máximo do fator de consenso dos informantes (FCI) é 1, onde ocorre um consenso completo entre os informantes a respeito de plantas para uma doença em particular. Por isso, as doenças foram agrupadas em 17 categorias para uma análise mais objetiva: afecções ou dores não definidas - ADND; debilidade física e mental - DFM; doenças da pele e

tecido celular subcutâneo - DPTCS; doenças das glândulas endócrinas da nutrição e do metabolismo – DGENM; doenças do sangue e dos órgãos hematopoiéticos – DSOH; doenças do sistema osteomuscular e tecido conjuntivo - DSOTC; doenças infecciosas e parasitárias - DIP, inapetência sexual - IS; Mordida de bicho doente (possivelmente raiva) - MBD; neoplasias - N; transtorno do sistema genito-urinário - TSGU; transtorno do sistema respiratório - TSR; transtorno do sistema sensorial olho - TSS (OLH); transtorno do sistema sensorial ouvido - TSS (OU); transtornos do sistema circulatório - TSC; transtornos do sistema digestivo – TSD e transtornos do sistema nervoso - TSN.

Para a análise dos dados foi utilizado o pacote Excel® versão 2007 para Windows®, sendo realizada a estatística descritiva a partir da codificação por tabulação simples e distribuição de porcentagens. A análise estatística não-paramétrica dos dados foi efetuada no programa Graph Pad Prism 5.0 pelo teste da Mediana.

Resultados e Discussão

A análise do perfil socioeconômico dos comerciantes (vendedores e ajudantes) mostrou que a maioria são mulheres. Os resultados de Vásquez et al (2014), em Manacapuru/AM, foram semelhantes, destacando o conhecimento das mulheres a respeito das plantas medicinais. Já Rocha et al (2010), em Passo Fundo/RS, obtiveram resultados distintos, descrevendo a predominância masculina. Tal discrepância pode estar relacionada com os aspectos culturais, pois em alguns grupos sociais as mulheres costumam desempenhar atividades relacionadas aos processos de curas e manipulação de plantas medicinais, sendo atividades compatíveis com o sexo feminino (VÁSQUEZ et al., 2014).

A faixa etária de maior frequência entre os comerciantes foi a compreendida entre 40 a 50 anos, a idade média observada correspondeu a 48,6 anos de idade. A origem do conhecimento em relação à utilização de plantas medicinais está ligada às pessoas mais idosas. Entretanto, devemos considerar a existência de uma cisão entre a atividade comercial e o conhecimento etnobotânico original. Os entrevistados relataram não serem os produtores ou coletores originais dos produtos, que são adquiridos a partir de terceiros, geralmente comprados de extrativistas naturais, moradores das comunidades rurais adjacentes. Desse modo, podem ser considerados “atravessadores” (intermediários), os extrativistas efetuam a identificação

e a coleta das espécies comercializadas, sendo detentores do conhecimento. Percebe-se, portanto, que existe um vínculo significativo entre o comércio e a produção ou extração local de espécies medicinais.

Quanto à naturalidade, constatou-se que a maioria (50%) é de Humaitá-AM. Entretanto, foram observados indivíduos originários de comunidades (25%) próximas à cidade. A mudança para a cidade é motivada pela busca de melhores condições de vida, fenômeno este intensificado em 2014, pela cheia do Rio Madeira.

Os entrevistados são proprietários do comércio, com pontos fixos, sendo sempre encontrados nos mesmos locais. De maneira geral, estão na atividade a mais de 20 anos (60%), sendo a venda de plantas medicinais a principal atividade remunerativa, com exceção para os aposentados (8%). Entretanto, outros produtos foram identificados sendo comercializados em seus estabelecimentos, como frutas, verduras, e artesanatos, destacando-se a diversidade.

O nível de escolaridade dos entrevistados em geral é baixo, possuindo o ensino médio incompleto (41%). O baixo grau de escolaridade observado nas feiras livres evidencia a importância econômica da atividade, uma vez que esta oferece uma alternativa viável de geração de renda para pessoas com pouca ou nenhuma instrução formal (ALVES et al., 2008). Portanto, podemos inferir que, a atividade em si, não depende de conhecimentos formais, mas sim dos conhecimentos tradicionais vigentes nos seus grupos sociais de origem.

Identificação das espécies medicinais comercializadas - os mercados tradicionais, onde também se instalaram os vendedores de ervas, representam importantes pontos de aquisição de informações sobre a utilização da flora nativas ou exóticas de uma região, tornando esses estudos úteis na elaboração de planos de conservação dos recursos comercializados. Tudo isso sem considerar o papel dos mercados no desempenho de funções sociais e simbólicas ligadas ao uso medicinal ou mágico-religioso dos produtos comercializados (ALBUQUERQUE, 1997).

Foram citadas 84 espécies de plantas comercializadas como medicinais em Humaitá, sendo a maioria, identificadas somente pelo nome popular. Foram observadas partes, produtos e subprodutos das espécies na forma in natura e desidratadas, sendo vendidas a granel ou em embalagens plásticas individuais. Esse resultado relaciona-se com as espécies de ocorrência na floresta amazônica, assim como o clima que propicia o cultivo de determinadas espécies, além dos aspectos culturais e tradicionais,

especialmente pela influência indígena que expressam o uso, extração e cultivo destas espécies comercializadas no município.

Destacam-se as espécies das famílias Asteraceae e Lamiaceae (Tabela 1), prevalecendo no levantamento espécies arbóreas nativas. Oliveira e Menini Neto (2012) constataram que no povoado de Manejo, em Lima Duarte-MG, as famílias botânicas mais representativas foram a Asteraceae e Lamiaceae. Sua maior frequência de uso, é, provavelmente, em função de serem famílias cosmopolitas com espécies de ampla adaptação, tanto em ambientes tropicais quanto temperados. Essas famílias são culturalmente importantes, há evidências de que a seleção de plantas para uso medicinal não é feita ao acaso e que famílias botânicas com compostos bioativos tendem a ser mais bem representadas nas farmacopeias populares (MOERMAN e ESTABROOK, 2003). O expressivo número de espécies dessas famílias relacionado ao uso medicinal demonstra de um lado, a exuberância da flora medicinal da região, e por outro a diversidade do conhecimento popular associado a essas.

As folhas das plantas foram as mais recomendadas como medicamento pelos comerciantes, com 32,14%. De modo similar Zucchi e colaboradores (2013) detectaram a predominância de folhas (40%) como a parte mais utilizada como remédio por moradores de Ipameri (GO), justificando esse alto valor de utilização em relação às outras partes da planta pela disponibilidade de recurso foliar em todas as épocas do ano. O maior uso das folhas na preparação de remédios em Humaitá justifica-se pela disponibilidade e acesso. As espécies em que as folhas e galhos finos foram as mais recomendadas, em geral, são herbáceas de fácil acesso e cultivadas, enquanto as arbóreas tiveram as cascas ou frutos mais recomendados, sendo estas encontradas na mata local ou em áreas de difícil acesso.

Na preparação dos remédios foram identificadas diversas formas de uso, variando de acordo com as espécies e objetivos de tratamento. De acordo com Martins e colaboradores (2000), as formas mais comumente usadas nos tratamentos caseiros com plantas medicinais são as seguintes: cataplasma, chás, inalação, suco, xarope e vinho medicinal. Os comerciantes humaitaenses destacaram a predominância de uso nas formas de chás, xaropes e lavagens (Figura 1). O preparo também pode estar relacionado com as características da planta, e, de acordo com Alencar et al (2010), as árvores tem tendência a possuir maior quantidade de compostos

químicos que as herbáceas. Com frequência a preparação simples é vista como modo eficaz.

As garrafadas são uma combinação de plantas medicinais, mais citadas em outros trabalhos (DOURADO et al., 2005; TRESVENZOL et al., 2006). No presente estudo, não houve referências a essa modalidade de uso. A explicação mais plausível para os comerciantes locais não adquirem esse produto para revenda, está na confecção, uma vez que aumenta o risco de fraudes e falsificações. Entretanto, esse resultado pode ser relacionado, ao fato das espécies serem diferentes em cada região, mudando assim, o modo de utilização dessas plantas.

Usos terapêuticos das plantas medicinais - foram citadas 334 indicações terapêuticas pelos entrevistados, destacando-se a indicação para os transtornos do sistema digestivo (Tabela 2). Aguiar et al (2013) encontraram resultados semelhantes, onde as espécies listadas eram utilizadas contra afecções intestinais, incluindo-se neste grupo remédios contra disenteria, hemorroidas, flatulências, constipação, laxante, purgativa, vermífuga, etc. Tal fato pode estar relacionado à regionalidade das doenças, ou seja, as doenças, assim como as espécies, variam de região para região afetando e caracterizando o comércio local de plantas medicinais.

A importância relativa (IR) das espécies com maior versatilidade muda de acordo com os costumes da região e a população em estudo. Das espécies mencionadas pelos entrevistados 89,29% apresentaram versatilidade quanto ao uso, com $IR>1$ (Tabela 2), sendo indicadas para o tratamento de até seis sistemas corporais. Estas espécies são consideradas muito importantes para a comunidade devido ao grande numero de indicações terapêuticas. As espécies nativas com destaque na comercialização foram o *Sambucus nigra* L. (sabugueiro), *Lavandula officinalis* Chaix & Kitt (Alfazema), *Copaifera* sp. (Copaiba).

O fator de consenso entre os informantes (FCI) é recomendado como critério para fornecer a base para estudos aprofundados de espécies com potencial terapêutico para doenças (AMOROZO e GÉLY, 1988). Dentre as categorias citadas, apenas a de Neoplasias não obteve consenso entre os informantes, apresentando valor zero. De acordo com o FCI, quanto à potencialidade das espécies de plantas citadas, as indicações terapêuticas que atingiram o valor máximo de consenso ($FCI = 1$) foram as categorias relacionadas à debilidade física e mental, mordida de bicho doente (possivelmente raiva), transtorno do sistema sensorial

Tabela 1. Espécies de plantas comercializadas como de uso medicinal no município de Humaitá-AM.

FAMÍLIA	ESPECIE	NOME VULGAR	INDICAÇÕES	PARTE USADA	PREPARO
Alismataceae	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltdl.) Michelini	Chapéu - de - couro	Reumatismo, colesterol, hipertensão	Folhas	Chá
Anacardiaceae	<i>Juglans rupestris</i> (Engl.) Fr. Allemão	Arceira	Diarreia, anti reumática, úlcera	Folhas	Chá e banho
Annnonaceae	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	Colesterol, hemorroida, peiso de ventre	Frutos, folhas e galhos finos	Suco e chá
	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva doce	Tosse, mau hálito, cólica, gases	Sementes	Chá
Apiaceae	<i>Anethum graveolens</i> L.	Angélica	Bronquite, cólica, cálculo, insônia, asma, dor de cabeça	Toda a planta	Chá
	<i>Aspidosperma excelsum</i> Benth.	Carapanaíba, pau de ronco, sapupema, árvore-de-mosquito.	Febre, bronquite, diabete, fígado	Cascas	Chá
	<i>Himatophyllum surinamense</i> (Spruce ex Mill. Arg.) Woodsen	Sicuba, agoniada	Cicatrizante, fratura, úlcera, verrugas	Cascas, seiva	Chá, seiva
Apocynaceae	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Boa - noite, vinca de madagascar, maria-sem-vergonha,	Vitiligo	Folhas	Chá
	<i>Echites peltatum</i> (Vell.) Woodsen	João - da - costa	Cólica, tensão pré-menstrual, Cerrimento vaginal	Cauê, folhas, galhos finos	Chá
	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangaba	Tuberculose, úlcera, purgante	Frutos, folhas, galhos finos	Chá e fruto
Araliaceas	<i>Panax ginseng</i>	Ginseng	Péda de memória, disfunção erétil, colesterol	Raízes	Pó da planta, tintura
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia esperanzae</i> O. Kuntze	Cipó mil hoem	Cólica, febre, coração, rins	Folhas, galhos finos	Chá
Asclepiadaceas	<i>Elephantopus mollisces</i>	Batatinha (cumaca)	Laxante	Tubérculos, folhas	Chá
	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Alcachofra	Vesícula, infecção urinária	Folhas	Chá e flor cozida
	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Artemisa, ambrósia, losna, ariemigo, erva de são joão	Asma, anemia, tensão pré-menstrual, azia, má digestão	Raízes, folhas, flores	Chá
	<i>Matricaria recutita</i> L.	Camomila	Gastrite, úlcera, calmante, bronquite	Folhas, flores	Chá
Asteraceae	<i>Baccharis dracunculus</i> (Less.) D.C.	Carqueja	Fígado	Toda a planta	Chá e pó da planta
	<i>Achyrocline satureoides</i> (LAM.) DC	Marcela	Febre, dor de barriga	Folhas	Chá
	<i>Achillea millefolium</i> L.	Mil - em - rama	Rins, vômitos	Folhas, galhos finos	Chá
	<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	Hepatite, anemia	Folhas, galhos finos	Chá
	<i>Tithonia rotundifolia</i> (Mart. ex DC.) Stendl	Ipê roxo	Cerrimento vaginal, cólica menstrual, inflamação no ovário, ferida uterina	Cascas	Chá, xarope
Bignoniaceae	<i>Avicardia chico</i> (Humb. & Bonpl.) B. Verdc.	Crajiru	Cerrimento vaginal, cólica menstrual, inflamação no ovário, ferida uterina	Folhas	Xarope
	<i>Jacaranda decurrens</i> Cham.	Carobinha do campo, jacarandá, caloiá	Reumatismo, problema de pés, disenteria	Folhas, galhos finos	Chá
Boraginaceae	<i>Symplyrum officinale</i> L.	Centro	Cicatrizante, reumatismo, ferimento	Raízes, folhas, flores	Sumo, chás, emplasto, suco
	<i>Cordia salicifolia</i> Cham.	Perengaba	Emagrecimento, inchado	Folhas, frutos, caule	Chá
Burseraceae	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B. Gillett	Imburana	Estimulante, asma, cólica, febre, gripe	Semente, cascas	Chá, xarope
	<i>Copaifera sp.</i>	Copáiba	Anti-inflamatório, feenda, gripe, bronquite, anticoncepcional, dor muscular	Seiva	Seiva (óleo)
Caesalpiniaceae	<i>Hymenaea</i> sp.	Jatoba, jutei	Cicatrizante, diarréia, disenteria, hemorragia, cistite	Folhas, galhos finos	Chá
	<i>Coccoloba uvifera</i> Mart.	Pan-ferro, jacá	Asma, bronquite, inflamação	Folhas, sementes, cascas	Chá

	<i>Coccoloba forrea</i> Mart.	Pau fero, jucá	Asma, bronquite, inflamação	Folhas, sementes, cascas	Chá
Caprifoliaceae	<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro	Ferimento, sarampo, artrite, cistite, figado, resfriado, coceira	Folhas, galhos finos	Chá
Celastraceae	<i>Mystemus</i> sp.	Espinheira santa	Gastrite	Folhas, galhos finos	Chá, pó da planta
	<i>Solocarpus impressifolia</i> (Miers.) A. C. Smith	Mirarira	Diabete	Caule, folhas	Chá
Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Pneumonia, asma, tuberculose, lombeiga	Folhas, galhos finos	Chá e suco
Cruciferae	<i>Nasturtium officinale</i> R. BR	Agrão	Tosse, asma, gripe, tuberculose	Folhas, e galhos finos	Xarope e óleo
Dracaenaceae	<i>Dracaena draco</i> L.	Sangue de dragão	Ferimento, cicatrizante, antiviral	Selva	Selva
Equisetaceae	<i>Equisetum arvense</i> L.	Cavalinha	Pedra nos rins, emagrecimento, hemorragia uterina	Folhas, caule	Chá
Euphorbiaceae	<i>Pigmalanthus nigriflorus</i> L.	Quebra pedra	Pedra nos rins	Folhas	Chá
	<i>Amburana acuminata</i> (Ducke) A. C. Smith	Amburana, cerejeira	Resfriado, tosse, bronquite, asma	Folhas, e galhos finos	Chá
	<i>Bowdichia virgilioides</i> H. B. e K.	Sucupina	Reumatismo, artrite, artrite, úlcera	Sementes, folhas	Chá
Fabaceae	<i>Piptadenia peregrina</i> (L.) Speng.	Angico, patiça	Diarreia, gases, tosse, catarrro, pneumonia	Cascas	Chá
	<i>Strophocladron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	Coonimento vaginal, cólica menstrual, inflamação no ovário, ferida uterina	Folhas, galhos finos	Chá
Ginkgoaceae	<i>Ginkgo biloba</i> L.	Biloba	Labirintite, tontura	Folhas e galhos finos	Chá
Hippocastanaceae	<i>Aesculus hippocastanum</i> L.	Castanha da india	Má circulação, varizes, cólica menstrual, hemorragia	Folhas, frutos, sementes	Chá e cremes
Huminaceae	<i>Endopeltis uchi</i> (Huber) Cuatrec	Uxi amarelo	Coonimento vaginal, cólica menstrual, inflamação no ovário, ferida uterina	Folhas e galhos finos	Chá
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim, alecrim de jardim	Coração	Folhas	Chá
	<i>Lavandula officinalis</i> Chaix & Kitt.	Alfazema	Hipertensão, diabete, calmação, cólica, gases, tosse	Folhas, flores	Chá
Lamiaceae	<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelã, hortelã pimenta, hortelã das cozinhas	Azia, vômito, gripe, tosse, bronquite	Folhas, galhos finos	Chá
	<i>Salvia officinalis</i> L.	Salvia, sálvia, salva do campo	Cálculo renal, reumatismo, antioxidante	Folhas, caule, galhos finos, flores	Chá
	<i>Origanum majorana</i> L.	Manjerona	Vômito, gripe, resfriado	Folhas	Xarope
	<i>Mentha arvensis</i> var. <i>Piperacensis</i> Holmes	Vick	Colesterol, bronquite, coração	Folhas, galhos finos	Chá
	<i>Aniba canariensis</i> (H.B.K.) Mez.	Preciosa	Acne, tosse, enxaqueca, catarrro	Cascas, folhas, sementes	Banhos e chá
Lauraceae	<i>Litsea puchuny-major</i> (Mart.) Kosterm.	Puxuri	Cólica, diarréia, gases, incontinência urinária	Cascas, seiva	Chá e óleo
	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Canela	Colesterol, bronquite, coração	Cascas	Chá
Liliaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Gripe, catarrro, verme, bronquite, tosse	Bulbos	Capsula e xarope
Linaceae	<i>Linum usitatissimum</i> L.	Linhaça	Fonte de fibra, ômega 3 e 6	Sementes	Triturar
Litaceae	<i>Cuphea linifolia</i> (A. St.- Hil.) Koehne	Sete - sangrias	Hipertensão, emagrecimento, colesterol	Folhas, galhos finos	Chá
Liliaceae	<i>Illicium verum</i> Hook. F.	Aniz estrelado	Estimulante, diarréia, cólica, diurético	Frutos, sementes	Chá
Malpighiaceae	<i>Byrsinima intermedia</i> A. Juss.	Sara tudo	Analgesico	Toda a planta	Chá, banho
	<i>Heteropteryx aphroditiaca</i> O. Mach.	Nó de cachorro	Afrodisíaco, úlcera, menopausa, reumatismo	Raízes	Chá
Malvaceae	<i>Gossypium arboreum</i> L.	Algodão	Diurético, asma, disenteria, hemorragia	Caule, folhas, galhos finos	Chá

Meliaceae	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba	Infecções, gripe, ferimento, dor musculares	Cascas, seiva	Chá e óleo
Monimiaceae	<i>Pearcea boldus</i> Molina	Boldo do chile	Figado	Folhas, galhos finos	Chá
Moraceae	<i>Broussonetia guadalcanalii</i> Tréc.	Mama - cadeia	Vitílico, manchas de pele, bronquite	Cascas, folhas, galhos finos	Chá
Myristicaceae	<i>Myristica fragrans</i> Houtt.	Noz - moscada	Estimulante cerebral, reumatismo	Sementes	Chá
	<i>Myrcia sphaerocarpa</i> DC.	Pedra - ume - caá	Diabetes, hipertensão, diarreia	Folhas, cascas	Chá
	<i>Myrsin communis</i> L.	Beleza de marta mirta, minto, marta-cheirosa, marta cultivada, marta das-noivas, marta-do-jardim, marta-verdeira	Rins, vômitos	Folhas	Chá
Myrtaceae	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Cravo - da - india	Afrodisíaco, bactericida, gases, gripe, micose	Flor	Chá
	<i>Eucalyptus</i> sp.	Eucalipto	Tosse, gripe, ciste, pneumonia	Folhas	Chá, xarope, tintura
Oleaceae	<i>Olea europaea</i> L.	Oliveira	Cansaço, colesterol, emagrecimento	Folhas	Chá
Pedaliaceae	<i>Sesamum indicum</i> L.	Gergelim	Colesterol, hemorróida, prisão de ventre	Folhas, galhos finos	Chá e óleo puro
Phytolaccaceae	<i>Poncirus trifoliata</i> L.	Guiné - mucuna - caá	Dor de cabeça, dor nas vistas, afrodisíaco, memória	Folhas, galhos finos	Chá e banho
Polygonaceae	<i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx	Erva de bicho	Reumatismo, varizes, úlcera, artite	Caulo, folhas, galhos finos	Chá
Pteridaceae	<i>Adiantum pedatum</i> C. Presl	Avencas	Bronquite, rouquidão, reumatismo, emagrecimento, rins	Folhas	Chá
Rubiaceae	<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex R. Br. & Schult.) DC.	Unha de gato	Vírus, reumatismo, infecções, gastrite	Caulo, folhas	Chá e banho
Sapindaceae	<i>Paulinia cupana</i> Kunth	Guaraná	Afrodisíaco, cólica e corrimento vaginal	Sementes	Sucos
Simarubaceae	<i>Quassia amara</i> L.	Tenente José, Quina	Anemia, emagrecimento e constipação	Folhas	Chá
Smilacaceae	<i>Smilax papaveracea</i> Poir.	Salsaparrilha	Enegérico, infecções e colesterol	Folhas e galhos finos	Chá
Solanaceae	<i>Solanum melongena</i> L.	Beringela	Figado e vesícula	Fruto, folhas, galhos finos	Cápsula
	<i>Solanum punctatum</i> L.	Jurubeba	Emagrecimento, colesterol	Fruto, folhas, galhos finos	Cápsula
Sterculiaceae	<i>Waltertia douradinha</i> St. Hilário	Douradinha do campo	Cólica renal, emagrecimento, anti-inflamatório	Folhas, flores	Chá
Theaceae	<i>Camellia sinensis</i> (L.) Kuntze	Chá branco, chá-verde, chá-preto, chá chinês	Emagrecimento, colesterol	Folhas, caule, galhos finos	Chá
Tiliaceae	<i>Luehea divaricata</i> Mart.	Açúita cavalo	Disenteria, artite, reumatismo	Cascas	Chá
Valerianaceae	<i>Valeriana officinalis</i> L.	Valeriana, erva-de-gato	Calmante, insônia	Raízes	Chá
Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> (Willd.) Roscoe	Gengibre, magaratáia	Gripe, tosse, bronquite, resfriado, cólica, asma	Folhas, raízes	Xarope

olho e transtorno do sistema sensorial ouvido (Tabela 3). Esses resultados indicam que essas categorias são culturalmente importantes e merecem estudos mais aprofundados.

O uso do índice de Trotter e Logan (1986) pode vir a supervalorizar espécies pouco indicadas, em função do baixo número de citações e espécies envolvidas. Neste estudo, as quatro categorias relacionadas, atingiram o valor máximo de consenso apresentando o valor mais

baixo de número de espécie (uma espécie), com apenas dois usos reportados a essa referida espécie. Tal fato, também é observado no estudo de Almeida e Albuquerque (2002), cuja categoria de uso em destaque foi a de transtornos do sistema sensorial (ouvido). Com isto, refletindo sobre os respectivos resultados obtidos a partir do uso do índice de Trotter e Logan (1986), sugere-se maior atenção na análise dos resultados.

MODO DE PREPARO

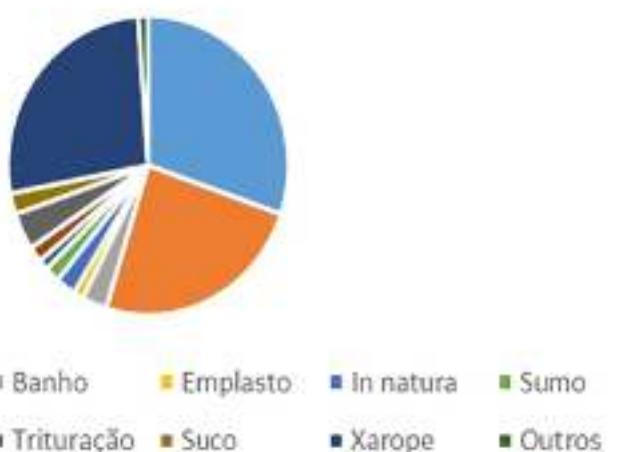


Figura 1 - Formas de uso de plantas medicinais em Humaitá-AM.

Tabela 2. Sistemas corporais e valores de Importância Relativa (IR) das espécies de plantas medicinais indicadas pelos comerciantes de Humaitá-AM.

ESPECIES	NOME VULGAR	CATEGORIAS DE SISTEMAS CORPORAIS ¹	VALOR DO IR
<i>Achillea millefolium</i> L.	Mil-en-rama	TSGU,TSD	0,48
<i>Acroccline sanvireoides</i> (LAM.) DC.	Marcela	TSN, TSD	0,62
<i>Adiantum raddianum</i> C. Presl.	Avenca	TSR, DSOTC, DGENM	1,21
<i>Aesculus hippocastanum</i> L.	Castanha da india	TSC, TSGU	0,90
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	TSR, DIP, N	1,36
<i>Amburana acuminata</i> (Ducke) A. C.Smith	Amburana	TSR	0,74
<i>Angelica archangelica</i> L.	Angélica	TSR, TSD, DPTCS, ADND, TSN	1,69
<i>Aniba canellifolia</i> (H.B.K.) Mez.	Preciosa	DPTCS, TSR, TSN	1,07
<i>Artemisia mucronata</i> L.	Graviola	DGENM, TSC, TSD	0,93
<i>Aristolochia esperanzae</i> O. Kuntze	Cipó mil homem	TSD, TSN, TSC, TSG	1,24
<i>Arrabida chico</i> (Humb. & Bonpl.) B. Verl.	Crajini	TGU, DGENM	0,90
<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Artemisia, amêrcia, lossa, artemigo	TSR, DSOH, TSD, TSN	1,38
<i>Aspidosperma nitidum</i> Benth.	Carapanaíba, pau-de-remo, sapupema, árvore-de-mosquito.	TSN, TSR, DGENM, TSD	1,24
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) D.C.	Carqueja	DSOH	0,31
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	DIP, DSOH	0,62
<i>Bowdichia virgilioides</i> H. B. & K.	Sucupira	DSOTC, TSD	0,90
<i>Broadbentia gaudichaudii</i> Tréc.	Mama - cadeia	DPTCS, TSR	0,76
<i>Bysonium intermedium</i> A. Juss.	Sara tudo	ADND	0,31
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Pau ferro, jucá	TSR, ADND	0,76
<i>Camellia sinensis</i> (L.) Kuntze	Chá branco, chá-verde, chá-preto, chá chinês	TSGU, DGENM	0,62
<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba	DIP, TSR, ADND	1,07
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Baú - noite, vinca-de-madagascar, maria-sem-vergonha,	DPTCS	0,31
<i>Clusiadrum ambrosioides</i> L.	Mastruz	TSR, TSD, DIP	1,07
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Canela	DGENM, TSR, TSC	0,93
<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B. Gillett	Imburana	TSN, TSGU, TSR	1,21
<i>Copajera</i> sp.	Copaíba	DIP, DPTCS, TSR, ADND, DGENM	1,69
<i>Cordia salicifolia</i> Cham.	Porongaba	DGENM, ADND	0,62
<i>Cophea implexa</i> (A. St.-Hil.) Koehne	Sete - sangria	TSC, DGENM	0,76
<i>Dracaena draco</i> L.	Sangue de dragão	DPTCS, DIP	0,76
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltdl.) Mickeli	Chapéu - de - couro	DSOTC, TSGU, TSC	0,93
<i>Echites peltatus</i> (Vell.) Woodsen.	João - da - costa	TSN, TSGU, TSD	0,93
<i>Elcomorphia amilacea</i>	Batatão (cumacá)	TSD	0,31
<i>Endoplectra uchi</i> (Huber) Cuatrec.	Uxi amarelo	TSGU, DGENM	0,90

<i>Equisetum arvense</i> L.	Cavalinha	TSGU, DGENM	0,75
<i>Eucalyptus</i> sp.	Eucalipto	TSR	0,74
<i>Ginkgo biloba</i> L.	Ginkgo biloba	TSS (OU)	0,45
<i>Glycyrrhiza officinalis</i> L.	Algodão	TSGU, TSR, TSD, DSOH	1,24
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangaba	DIP, TSD	0,78
<i>Heteropanax aphrodisiacus</i> O. Mach.	Nó de cachorro	TSD, TSC, TSN, DSOTC	1,24
<i>Himatanthus succulenta</i> (Spruce ex Mill. Arg.) Woodson	Sucuba, agoniada	MBD, TSD, DIP	1,07
<i>Hymenaea</i> sp.	Jatobá, jutai	DPTCS, TSD, TSGU, TSC	1,38
<i>Ilicium verum</i> Hook. F.	Aniz estrelado	TSN, TSD, TSGU	1,07
<i>Jacaranda peregrina</i> Cham.	Carabinha do campo, jacarandá, caimá	TSOTC, DPTCS	0,76
<i>Lavandula officinalis</i> Chaix & Kitt.	Alfazema	TSC, DGENM, TSN, TSD, TSI	1,69
<i>Licaria puchuya-major</i> (Mart.) Kosterm.	Puxuri	TSD, TSGU	1,05
<i>Linum usitatissimum</i> L.	Linhaga	TSD, TSOTC	0,62
<i>Luehea divaricata</i> Mart.	Açoita cavalo	TSD, DSOTC	0,76
<i>Matricaria recutita</i> L.	Camomila	TSD, TSN, TSR	1,07
<i>Maytenus</i> sp.	Espinheira santa	TSD	0,31
<i>Mentha arvensis</i> var. <i>Piperacens</i> Holmes	Vick	TSD, TSR	0,76
<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelã, hortelã-pimenta, hortelã-das-cozinhas	TSD, TSR	1,05
<i>Mirroredrum urundeuva</i> (Engl.) Fr. Allemão	Aroeira	TSOTC, TSD	0,76
<i>Mycia sphaerocarpa</i> DC.	Pedra-ume-cai	DGENM, TSC, TSD	0,93
<i>Myristica fragans</i> Houtt.	Noz-moscada	TSN, TSOTC	0,62
<i>Myrtus communis</i> L.	Beleza de marta-morta, marta-morta-cheiroso, marta-cultivada, marta-das-noivas, marta-de-jardim, marta-verdeadeira	TSGU, TSD	0,62
<i>Nasturtium officinale</i> R. BR.	Agrôa	TSR, DIP	0,90
<i>Olea europaea</i> L.	Oliveira	DFM, DGENM	0,60
<i>Origanum majorana</i> L.	Manjericão	TSR, TSN	0,90
<i>Panax ginseng</i>	Ginseng	IS, DGENM, TSN	0,93
<i>Paulinia cupana</i> Kunth	Guaraná	TSC, TSD, TSGU	0,93
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Quiné, mucura-cai	ADND, TSS(OLH), IS, TSN	1,24
<i>Pewonia boliviensis</i> Molina	Beldô do chile	DSOH	0,31
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedras	TSGU	0,31
<i>Pimpinella anisum</i> L.	Ervá-doce	TSD, DIP, TSR	1,07
<i>Pipradenia peregrina</i> (L.) Speng.	Anisíco, paricá	TSD, TSR	1,05
<i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx.	Eerva-de-bicho	TSOTC, TSC, TSD	1,07
<i>Quassia amara</i> L.	Tenente-josé	DSOH, DGENM, TSD	0,93
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim, alecrim-de-jardim	TSC	0,31
<i>Salacia impressifolia</i> (Miers.) A. C. Smith.	Miraruira	DGENM	0,31
<i>Salvia officinalis</i> L.	Saliva, sálvia, salva-do-campo	TSGU, DSOTC, DPTCS	0,79
<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro	DPTCS, TSD, DIP, DSOTC, TSGU, TSR	2,00
<i>Sesamum indicum</i> L.	Georgelim	DGENM, TSC, TSD	0,93
<i>Smyrnium olusatrum</i> Poir.	Salsaparilha	DIP, DGENM, IS	0,93
<i>Solanum melongena</i> L.	Beringela	DSOH, TSD	0,62
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	DSOH, TSN, DGENM, TSD, DPTCS	1,55
<i>Strychnos nux-vomica</i> (L.) Merr. (Mart.) Coville	Barbatimão	TSGU, DGENM, N	1,21
<i>Symplyrum officinale</i> L.	Confuci	DPTCS, DSOTC	0,75
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Cravo-da-índia	DIP, DPTCS, TSD, TSC	1,38
<i>Tabea tiliifolia</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Ipê-roxo	TSGU, DGENM	0,90
<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) DC.	Unha-de-gato	TSR, DSOTC, DIP, TSD	1,24
<i>Valeriana officinalis</i> L.	Valeriana	TSN	0,45
<i>Vernonia cordatifolia</i> Baker	Alcachofra	TSGU, TSD	0,62
<i>Waltheria divaricata</i> St. Hilaire	Douradinha-do-campo	TSGU, DIP, DGENM	0,93
<i>Zingiber officinale</i> (Willd.) Roscoe	Gengibre, mangaratiba	TSD, TSR	1,19

¹ Afecções ou dores não definidas - ADND; Debilidade física e mental - DFM; Doenças da pele e tecido celular subcutâneo - DPTCS; Doenças das glândulas endócrinas da nutrição e do metabolismo – DGENM; Doenças do sangue e dos órgãos hematopoiéticos – DSOH; Doenças do sistema osteomuscular e tecido conjuntivo - DSOTC; Doenças infecciosas e parasitárias - DIP; Inapetência sexual - IS; Mordida de bicho doente (possivelmente raiva) - MBD; Neoplasias - N; Transtorno do sistema genito-urinário - TSGU; Transtorno do sistema respiratório - TSR; Transtorno do sistema sensorial olho - TSS (OLH); Transtorno do sistema sensorial ouvido - TSS (OU); Transtornos do sistema circulatório - TSC; Transtornos do sistema digestivo - TSD; Transtornos do sistema nervoso - TSN.

As categorias frequentemente mencionadas em levantamentos etnobotânicos, apresentando um largo número de espécies, necessitam de estudos mais aprofundados, pois provavelmente essas categorias são culturalmente importantes. As principais categorias que obtiveram destaque quanto ao número de citações foram transtornos do sistema digestivo, transtorno do sistema respiratório e doenças infecciosas e parasitárias (Tabela 3). Almeida e Albuquerque (2002), em Pernambuco, obtiveram resultados semelhantes, um maior número de espécies foi indicado no tratamento das afecções respiratórias, seguido das inflamações em geral e as diversas formas de afecções intestinais. Esses resultados podem estar relacionados à regionalidade das doenças, ou seja, aos diferentes tipos de doenças e sistemas corporais que uma determinada comunidade tem necessidade de tratar, assim como as espécies, variam de região para região afetando e caracterizando o comércio local de plantas medicinais (MAIOLI-AZEVEDO e FONSECA-KRUEL, 2007).

As espécies *Ginkgo biloba* L. (*Ginkgo biloba*), *Petiveria alliacea* L. (Guiné, mucura – caá), *Olea europaea* L. (Oliveira) e *Himatanthus sucuuba* (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson (Sucuba) apresentaram consenso completo entre os informantes, com FCI=1 (Tabela 3). Nota-se que as espécies não estão entre as mais citadas. A *Ginkgo biloba* L. é a droga hoje em dia mais utilizada numa tentativa de diminuir a perda da memória ou mesmo regredir um quadro já instalado. É conhecida há centenas de anos, tendo ampla gama de efeitos, atuando em problemas cardiovasculares, neurológicos e metabólicos (POSSE, 2007). Contudo neste estudo foi citada para auxiliar no tratamento de labirintite e tontura.

Dentre as plantas medicinais que são utilizadas com mais frequência na Amazônia no combate a distúrbios, principalmente de caráter inflamatório, encontram-se a *Carapa guianensis* Aubl (Andiroba) e a *Copaifera* sp (Copaíba) (BUCHILLET, 1991). No presente estudo, essas espécies apresentaram os maiores números de citações na categoria doenças infecciosas e parasitárias. O emprego destas plantas, na medicina popular, tem justificado estudos químicos,

farmacológicos e clínicos, buscando a validação como medicamento eficaz e seguro.

Conclusões

As feiras e casas de produtos naturais na cidade de Humaitá desempenham funções sociais e simbólicas ligadas ao uso de plantas medicinais, ou seja, são como palco das relações inter-pessoais entre os habitantes. O aspecto econômico é apenas um dos fatores que compõem estes espaços sendo subordinado aos aspectos culturais. Compreender a classificação e significação das plantas utilizadas como medicinais pela população, possibilita a perspectiva de manejos adequados proporcionando a conservação dessas espécies.

A comercialização é diversificada (84 espécies listadas), na qual espécies nativas e exóticas são indicadas pelos comerciantes para atender uma ampla gama de enfermidades. Todavia, apenas uma minoria destas obtém consenso entre os informantes. Essas apresentam caráter cultural diverso e carregam em si informações características da região, da cidade e do interior, com influências de diferentes grupos sociais que atuam em Humaitá.

O resgate do conhecimento tradicional acerca do uso de plantas medicinais é de grande relevância. O conhecimento simboliza muitas vezes a alternativa viável para o tratamento de doenças e manutenção da saúde. O uso e o comércio destes recursos foram estimulados pelas necessidades terapêuticas da população; pela facilidade de acesso; pelos custos elevados dos medicamentos alopatônicos; além do crescente interesse pelo potencial terapêutico e econômico.

Referências Bibliográficas

- AGRIANUAL. **Pelo aproveitamento racional das plantas medicinais da Amazônia.** FNP Consultoria e Comércio, 2002. p.28-29.
- AGUIAR, S. P. et al. Diversidade de fabaceae utilizadas como plantas medicinais. **Agricultura Familiar no Amazonas:** conservação dos recursos ambientais, v.1, p.251-266, 2013.

Tabela 3. Fator de consenso de informantes (FCI) dos comerciantes de Humaitá-AM para uso das espécies de plantas medicinais.

CATEGORIAS DE SISTEMAS CORPORAIS	NUMEROS DE USOS REPORTADOS	NÚMEROS DE ESPÉCIES	FCI
Afeções ou dores não definidas	12	7	0,45
Debilidade física e mental	2	1	1,00
Doenças da pele e tecido celular subcutâneo	23	13	0,45
Doenças das glândulas endócrinas, da nutrição e do metabolismo	29	22	0,25
Doenças de sangue e dos órgãos hematopoéticos	10	9	0,11
Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo	19	15	0,22
Doenças infeciosas e parasitárias	19	14	0,28
Inapetência sexual	4	3	0,33
Mordida de bicho doente (possivelmente raiva)	2	1	1,00
Neoplasias	2	2	0,00
Transtornos do sistema circulatório	20	16	0,21
Transtornos do sistema digestivo	62	40	0,36
Transtornos do sistema genito-urinário	45	23	0,50
Transtornos do sistema nervoso	20	18	0,11
Transtornos do sistema respiratório	61	28	0,55
Transtornos do sistema sensorial (olho)	2	1	1,00
Transtornos do sistema sensorial (ouvido)	2	1	1,00

ALBUQUERQUE, U. P. Plantas medicinais e mágicas comercializadas nos mercados públicos de Recife-Pernambuco. **Ciência e Trópico**, v.25, p.7-15, 1997.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciência**, v.27, n.7, p.336-346, 2002.

ALENCAR, N. L. et al. The inclusion and selection of medicinal plants in traditional pharmacopoeias-evidence in support of the diversification hypothesis. **Economic Botany**, v.64, n1, p.68-79, 2010.

ALMEIDA, C. F. C. B.; ALBUQUERQUE, U. P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência**, v.26, n.6, p.276-285, 2002.

ALMEIDA, M. D.; PENA, P. G. L. Feira livre e risco de contaminação alimentar: estudo de abordagem etnográfica em Santo Amaro, Bahia. **Revista Bahiana de Saúde Pública**, v.35, n.1, p.110-127, 2011.

ALMEIDA, M. Z. **Plantas medicinais**. - 3. ed. - Salvador: EDUFBA, 2011. 221p.

ALVES, R. R. N. et al. Aspectos sócio-econômicos do comércio de plantas e animais medicinais em áreas Metropolitanas do Norte e Nordeste do Brasil. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v.8, n.1, p.181-189, 2008.

AMOROZO, M. C. M. Uso e Diversidade de Plantas Medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil.

Acta Botânica Brasileira, v.16, n.2, p.189-203, 2002.

AMOROZO, M. C. M.; GELY, A. L. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Série Botânica**, v.4, p.47-131, 1998.

BENNETT, B. C.; PRANCE, G. T. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of Northern South America. **Economic Botany**, v.54, p.90-102, 2000.

BRASIL. Distrito Federal. Lei nº 1828, de 13 de janeiro de 1998. Disciplina a organização e o funcionamento das feiras livres e permanentes no Distrito Federal. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, 13/01/1998.

BRASIL. Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015. Dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 20 de maio de 2015.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. **Projeto Radambrasil**. Folha SB. 20, Purus. Rio de Janeiro, 1978. 561p.

BUCHILLET, D. A antropologia das doenças e os sistemas oficiais de saúde. In: Buchillet, D. et al. **Medicinas Tradicionais e Medicina Ocidental na Amazônia**. 1ª ed. Belém (PA): Cejup, p.23-25, 1991.

CABALLERO, J. La Etnobotânica. In: BARRERA, A. (ed.). **La Etnobotânica: tres puntos de vista y una perspectiva**. Xalapa: INIREB, 1979. p.27-30.

CAMPOS, M. C. C. et al. Interferências dos pedoambientes nos atributos do solo em uma topossequência de transição Campos/Floresta. R. Ci. Agron, v.41, p.527-535, 2010.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

DOURADO, E. R. et al. Comercialização de plantas medicinais por "raizeiros" na cidade de Anápolis-GO.

- Revista Eletrônica de Farmácia**, v.2, n.2, p.67-69, 2005.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE). **Estudo de viabilidade agrícola de cerrados do Amazonas**. Brasília, DF. BNDES, 1997. 91p. (Relatório Técnico)
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativas populacionais para os municípios brasileiros em 2004**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.phpid_noticia=169>. Acesso em: 25 de março 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativas da população residente no Brasil e Unidades da Federação com data de referência em 1º de julho de 2015**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 28 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/>>. Acesso em: 12 de setembro de 2015.
- MACIEL, M. A. M. et al. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, v.25, n.3, p.429-38, 2002.
- MAIOLI-AZEVEDO, V.; FONSECA-KRUEL, V. S. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. **Acta Bot. Bras.**, v.21, n.2, 2007.
- MARTINS, E. R. et al. Plantas Medicinais. Viçosa: UFV, 2000. 226p.
- MILLAT-E-MUSTAFA, M. D. An approach towards analysis of homegardens. In: RASTOGI, A. et al. (Eds.). **Applied Ethnobotany in natural resource management traditional home gardens**. Nepal, International Centre for Integrated Mountain Development Kathmandu, 1998. p.39-48.
- MOERMAN, D. E.; ESTABROOK, G. F. Native Americans' choice of species for medicinal use is dependent on plant family: confirmation with meta-significance analysis. **Journal of Ethnopharmacology**, v.87, p.51-59, 2003.
- OLIVEIRA, E. R; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte - MG. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.14, n.2, p.311-320, 2012.
- PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n.22, p.37-50, 2010.
- POSSE, J. C. **Plantas medicinais utilizadas pelos usuários do sus nos bairros de Paquetá e Santa Teresa**: uma abordagem etnobotânica. 2007. 103 p. Dissertação (mestrado) - UFRJ/Faculdade de Farmácia/Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas, 2007.
- ROCHA, H. C. et al. Perfil socioeconômico dos feirantes e consumidores da feira do produtor de Passo Fundo, RS. **Ciência Rural**, v.40, n.12, p.2593-2597, 2010.
- RODRIGUES, T. E.; OLIVEIRA, R. C. Solos de várzeas da Amazônia: uso e potencialidade. In.: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo. **Amazônia: agricultura sustentável**. Viçosa: SBCS, 1997. p.215-221.
- TOLEDO, V. M. et al. La selva útil: etnobotánica quantitativa de los grupos indígenas del trópico húmedo de México. **Interciênciac**, v.20, p.177-187, 1995.
- TRESVENZOL, L. M. et al. Estudo sobre o comércio informal de plantas medicinais em Goiânia e cidades vizinhas. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v.3, n.1, p.23-28, 2006.
- TROTTER, R.; LOGAN, M. **Informant consensus: a new approach for identifying potentially effective medicinal plants**. In: **Indigenous Medicine and Diet: Biobehavioural Approaches**, Redgrave. Nova York, 1986. p.91-112.
- VÁSQUEZ, S. P. F. et al. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazonica**, v.44, n.4, p.457 – 472, 2014.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO guidelines for assessing quality of herbal medicines with reference to contaminants and residues**. Geneva: WHO Press, 2007. p. 105.
- ZUCCHI, M. R. et al. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de Ipameri – GO. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v.15, n.2, p.273-279, 2013.